# Da noção de utilidade humana\* - 27/12/2015

Uma investigação é um método filosófico e científico primordial para abordagem  
de um determinado assunto. Mas uma investigação sempre é feita por um humano.  
No capítulo 1 da Ética, Espinosa trata de Deus como causa necessária de todas  
as coisas. Na verdade, para Espinosa só há Deus, tudo emana dele, tudo está  
nele, necessariamente. Deus não pensa, Deus é, infinitamente. Não há  
contingência, só há o que não conhecemos (certas coisas são impossíveis para  
nós). Mas, como conceituamos as coisas oriundas de Deus?  
  
O homem vê a natureza, o homem sente, vive. Para o homem há uma concepção e  
uma noção fundamental: a de utilidade. Tudo tem um fim, uma finalidade. E uma  
finalidade humana. Então, temos uma certa maneira de ver as coisas,  
proveniente de nossa imaginação. A natureza está aí para nos propiciar algo ou  
para nos trazer um problema, uma dificuldade. Classificamos as coisas entre  
boas ou ruins, belas ou feias, fáceis ou difíceis – essa classificação é a  
nossa noção de utilidade humana. O valor das coisas decorre do que colocamos  
nas coisas a partir de nossa noção de utilidade, pela nossa imaginação.  
Colocamos um próprio valor nas coisas e isso tudo é criação nossa.  
  
Essa forma de “ver” o mundo se fundamenta na utilidade. Mas a utilidade é uma  
função que aparece em cada coisa, em cada fenômeno, seja natural ou  
artificial. Somos orientados por uma finalidade, vivemos e fazemos isso ou  
aquilo, adquirimos tal coisa, produzimos, destruímos, tudo baseado na noção de  
utilidade. Essa noção de utilidade caminha no sentido inverso, da finalidade  
para a coisa, do efeito para a causa. A água existe para tal coisa, a água não  
é simplesmente algo, independente de qualquer utilidade. O fato de nos  
orientarmos por essa noção de finalidade nos impõe tentativas de explicação  
que nunca serão convincentes. Mas somos assim e, sabendo disso, deveríamos nos  
precaver dessa caraterística nossa e obstruir qualquer tentativa de  
explicação. As coisas, então, seriam de Deus e não se modelariam há uma  
caraterística humana de finalidade. As coisas de Deus estão aí antes de nós,  
mas como sempre achamos que tudo gira em torno do nosso umbigo. A noção de  
utilidade inverte a ordem temporal e causal da realidade, do mundo, de nós.  
Deveríamos, então, ir em busca de outro princípio, outro fundamento, que não  
esse da utilidade, da finalidade, e tentar fundamentar nossa existência de  
outro ponto de vista, trazendo outras consequências.  
  
\_\_\_\_\_  
  
   
  
\* Lemos muito rapidamente o primeiro capítulo da Ética de Espinosa (3a edição, tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013): suas definições, axiomas, proposições, demonstrações, corolários, escólios e o apêndice. Colocaremos bem brevemente nossa primeira impressão, considerando: 1) leituras rápidas e superficiais podem gerar análises superficiais e distorcidas; 2) superficial não é supérfluo; 3) nossa capacidade de concentração atual decaiu bastante - há muito barulho no mundo, há muitos objetos atraentes; 4) uma primeira impressão é sempre um recado puro, sem ruídos, não importando muito o resultado final; 5) sempre poderão ser realizadas novas leituras, uma resenha aqui, um comentador acolá e se chega a uma aproximação com a opinião geral, relativa à primeira impressão.